

Editorial

A ciência, a Revista e a crise

No Brasil, o financiamento de pesquisa é, sobretudo, uma atividade do setor público, que destina para tais atividades 54% do total de recursos, através de uma série de agências que financiam instituições ou diretamente o investigador. As principais instituições e programas de fomento à pesquisa e inovação no país são o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Programa Inova Talentos e as Leis de Incentivo Fiscal e Fomento à Inovação. Diferentemente de outros países, no Brasil o setor privado tem participação minoritária. Apenas para que se estabeleça uma comparação, os governos do Japão e da China participam apenas com 15,6% e 24,6%, respectivamente.

A atividade acadêmica supõe estabilidade de projetos e meios. Sem horizontes estáveis, não há como delinear programas de investigação, atrair recursos humanos capacitados, buscar financiamento em agên-

cias de fomento. Mais do que isto, em um ambiente empobrecido pela incerteza, ideias minguam, cérebros buscam outras paragens, agências pouco oferecem e, quando oferecem, não conseguem cumprir agendas de repasse.

Periódicos que publicam literatura científica são extremamente sensíveis e, portanto, dependentes de cenários estáveis. Mais programas de pesquisa, mais investigadores buscando a verdade dos seus objetos, mais o que publicar em todos os formatos – dissertações, teses, relatórios –, e mais daquilo que nos interessa em particular: mais artigos científicos a ser oferecidos para revistas científicas.

A crise econômica e política em curso, naturalmente, nos preocupa não apenas como cidadãos. Ela terá uma importância capital no desempenho das universidades e demais instituições acadêmicas brasileiras. No entanto, se o futuro é incerto e nossas impressões hoje certamente estão contaminadas pelas adversidades do momento, não temos dúvida que nos resta a solução de sempre: olhar o horizonte com otimismo e nos dedicarmos ao que melhor sabemos fazer.

Boa leitura.

Roberto A. Lourenço

Editor executivo

Revista HUPE, Rio de Janeiro, 2016;15(1):5